3 1761 06680453 5

BRIEF
PQD
0010579

Theatro em verso

DE

ALVES CRESPO

UM JOGO DE CARTAS

Comedia

(representada nos theatros de D. Maria, e P. Real do Porto)

JOÃO MARIA

(Do reportorio de Sarah Bernhardt)

A BANHOS

(Monologo — Chronica da vida nas praias)

LISBOA

Typographia do DIA

Calçada do Cabra, 7

1900

Ao Sr. Dr. Arthur Castilho Barreto,
o redactor-proprietário do "Livro de
Chronista", em testemunho de sua
consideração e estima.

22.8.900

UM JOGO DE CARTAS

W-45
S. 15
85-1
E. 5
P. 3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/umjogodecartas00alve

ALVES CRESPO, Joaquim Pedro, 1847-1

UM JOGO

DE CARTAS

COMEDIA EM VERSO

Representada no theatro de D. Maria II,
em Lisboa, em março de 1885, e, pelos mesmos actores,
no theatro do Principe Real, no Porto

2.ª EDIÇÃO

LISBOA — 1900

= Typographia do Dia =

8/0

Brief
PQD
0010579

A

ALFREDO SCHULTZ

em testemunho
de cordialissima e velha amizade

Off.

O Auctor.

DA 1.ª EDIÇÃO

O *Jogo de cartas* foi escripto expressamente, e em poucos dias, para ser representado n'um theatrinho particular, na Ericeira, pelas Ex.mas Sr.as D. Helena de Mello e D. Cassilda Martins, e pelo Ex.mo Sr. H. Pinho da Cunha. A recita teve logar em 28 de setembro de 1884, e a comedia (que soffreu depois algumas modificações) alcançou um *successo*, devido em grande parte — senão exclusivamente — ao seu desempenho brilhante, *hors ligne*.

A Ex.ma Sr.ª D. Helena de Mello fez do papel de Laura uma creação verdadeiramente deliciosa: não se póde revelar, a um tempo, mais fina distinção, mais delicado espirito, mais gentil talento; a Ex.ma Sr.ª D. Cassilda Martins foi — no seu pequeno papel — graciosissima, e o meu sympathico amigo H. Pinho da Cunha mostrou-se — e foi esta a opinião unanime — um actor notavel, completo. Contribuiu para o exito, que a comedia teve, o meu obsequioso e presado amigo J. de Mello Vianna, que a ensaiou

com o bom gosto e a intelligencia, que o distinguem. Com a publicação do *Jogo de cartas* desejo apenas patentear — e vae n'isto o mais sincero preito de admiração e de reconhecimento — que, se com tal *jogo ganhei a partida*, devo-o, por certo, á extrema pericia e boa vontade dos *parceiros*.

Janeiro de 1885.

A. C.

PERSONAGENS

JORGE	*Augusto Rosa*
LAURA — sua mulher	*Virginia*
MARTHA — creada	*Emilia Candida*

ACTUALIDADE

ACTO UNICO

O theatro representa uma saleta, ou quarto de trabalho; porta ao fundo e lateraes, dando para os aposentos de Jorge e de Laura e para a cosinha: mobilia elegante. — Laura está sentada, costurando ou bordando.

LAURA e JORGE

LAURA, *olhando Jorge, que vem do quarto, vestido para sair.*

Como vem *chic* e formoso
o meu marido! — Por certo,
que não é p'ra dar-me o gôso
de vir conversar commigo...
— Onde vae o meu esposo?

JORGE

Perto vou... e muito perto.
Pondo o chapeu e o sobretudo n'uma cadeira — à parte.
Vou ensaiar se consigo
fazer de rapaz esperto...
Alto
Primeiro um beijo...
Beija-a
E, agora,
á esposa, que muito adora,
vae dizer o seu marido
quanto deseje saber.

LAURA

E eu presto toda a attenção
ao meu muito e muito querido
maridinho... Vae então?...
—Não é segredo?...

JORGE

Oh, não!
Eu não os costumo ter
comtigo.
Á parte
Vamos a ver
como sae o improviso.
Alto, sentando-se.
Vou... ao Gremio. Ha uma aposta,
muito importante, ao bilhar,
entre dois socios..

LAURA

Aviso
ás que pretendam casar:
se o noivo do jogo gosta,
têem, por sorte, ficar
em casa, sós, meditando,
ou nos romances dos *Zolas*,
ou, emfim, nas carambolas,
que ao marido vão contando.
É divertido e é... justo.
Despeitada

JORGE

Valha-me Deus!... O que queres
que eu faça então?... Nunca falto
ao que prometto e ajusto

e combinei...

Á parte

As mulheres!...

Alto

Queres que joguemos o assalto?
que vá cuidar das torradas?
que aprenda a fazer *crochet?*
ou vou dobando as meadas
emquanto ferve o café?
— Mas dize!... dize!...

LAURA, *picada*

Ah! o homem!...
E somos as inconstantes!
E pretendeis que vos tomem
por bons maridos e amantes!...

Movimento de contrariedade em Jorge

Mas é assim!... Ha tres mezes
só, que nós somos casados,
e já te enfadam, ás vezes,
os meus mais ternos cuidados!
Pois não é bem natural
que eu te deseje a meu lado?
Não és o meu bem amado?
Aonde está, pois, o mal?...
Vês tu?... E assim me respondes
com tanto e tanto azedume!...
Debalde, ha tempo, m'escondes
certa *frieza*...

JORGE

Pois não!...
Por isso me quer ao *lume*,

em casa sempre, ao *fogão*,
uma *gata borralheira*...

LAURA

Mas vejam bem que maneira
de responder!... – O que eu sou
é muito e muito infeliz!

Chorando

JORGE

Isto é incrivel!

Meigo

Tu choras?...

Á parte

P'ra isto é que eu não estou!

Alto

Mas diz-me: — que mal te fiz?

Á parte

E vão-me fugindo as horas...

Alto

És sempre a mesma creança
cheia de mimo... Louquinha!
Não sejas assim... Descança,
que te amo muito... Tontinha!
chorar por nada!...

Toma-lhe a mão, beijando-a.

LAURA

E a aposta?...
Não se faz tarde?...

JORGE

Já sei
que a minha Laura não gosta
que eu vá, pois bem! — ficarei.

LAURA, *alegremente*

Oh, isso não! Não consinto:
quero que vá, que procure
ser bom juiz na contenda...

JORGE

Sou um dos membros do jury,
por isso irei.
Á parte
Como eu minto!
Pois não sabia da prenda!

LAURA *sorrindo*

Resigne o *nobre mister*
de *preparar a torrada.*

JORGE

Mas não declino o prazer
de a vir, mais tarde, comer
co'a minha esposa adorada.
Vae buscar o chapeu
Adeus.
Procurando na algibeira
Que douda cabeça!
Pois não sahia sem lenço?!...

LAURA

Eu vou buscar-t'o.
Sae
JORGE *vendo-a sahir*
Coitada!

JORGE, só

Sinto um remorso enorme, embora não pareça,
ao ver que vou trahil-a; e, quando n'isto penso,
hesito em o fazer...—Que Deus se compadeça
de mim, que sinto n'alma o mal e não me venço!
que não posso vencer a tentação maldita
do crime de a trahir—que tentação cruel!
Emfim, que hei de eu fazer? A Eva é tão bonita...
Provemos a maçã... e não nos trave o fel!
Que diz a tentadora?... Vamos ver:
Lê, depois de examinar a porta do quarto de Laura
—«Meu Jorge. Espero-te, esta noite, aonde
«a vez primeira te encontrei... O conde
«volta ámanhã: ás nove em ponto.»
Recita
Ter,
ter a ventura aqui, na mão fechada,
e deixal-a fugir – a borboleta!
parece-me loucura e rematada!...
Vamos, pois, á *partida*, e... *uma á preta!*
Sentindo bulha, quer guardar a carta, que, com a precipitação, lhe cae junto da mesa.
Diabo! É minha mulher!
Cuidado, senhor Jorge! que ella póde
do caso desconfiar,
e, se uma vez á idéa isto lhe acode,
quem do contrario a póde convencer
e quem a ha de aturar?...

JORGE e LAURA

LAURA, *entrando*

O lenço... Quiz eu mesma ir escolhel-o;
repara n'esta letra; foi bordada
—sabes por quem?—e tu, ao recebel-o,
beijaste a vez primeira...

JORGE

a mão da minha fada!
Guarda o lenço e vê o relogio
São oito horas e meia,
já pouco tempo me resta.
Adeus.
Á parte, sahindo
Cá vamos á ceia,
e á tal maçã... indigesta.

LAURA, só

E foi-se!... Deixou-me só...
Como vou aborrecer-me!...
Uma noite interminavel!...
Fazem favor de dizer-me
se não sou digna de dó?
Pausa: muda de tom
Mas é, por fim, detestavel

casar... Casar!... para que?
Em troca da liberdade,
que nos rouba o casamento,
que vemos que elle nos dê?
—este triste isolamento,
mortalha da mocidade,
tumulo das illusões
risonhas, meigas, formosas,
que nos c'roavam de rosas
os ingenuos corações!
Só isto: a morte precoce
de quanto nossa alma encanta,
de quanto o olhar enamora...
Promette dar-nos a posse
completa d'um outro ser,
e a posse que dá é tanta
que...—veja-se o exemplo agora—
é mesmo d'appetecer.

Outro tom: animando-se pouco a pouco

Ao mesmo tempo... é tão doce
ser-se amada como eu sou,
ter um marido e um lar! ..
que, emfim, se *elle* me deixou,
foi porque eu disse que fosse!
Não queria *elle* ficar,
apenas me conheceu
um pouco contrariada?...
Logo: a culpada fui eu;
não ha de que estar zangada!
E eu a accusal-o, coitado!
tão meigo... tão extremoso...

e como foi delicado!
e como é carinhoso!

Como eu te quero não sei eu dizer!
Nem sei se existe n'este mundo alguem,
que sinta n'alma o que minha alma tem
sentido sempre que te posso ver.

Sei eu dizel-o?... É um prazer, um bem,
um casto gôso, como póde ter
mãe extremosa, quando vê prender
o olhar do filho ao seu olhar de mãe.

E, ha pouco ainda, duvidei da immensa
ventura minha, que tu fosses meu...
(e como a duvida é a nuvem densa
que se levanta no horisonte!...) E eu
tremi... Beijaste me, e voltou a crença,
—o sol voltou a illuminar o ceu!

Pausa

Vejamos que horas são!
Nove horas!... Que preguiçosa!
Vou começar o serão.
Quero mostrar-lhe, ao voltar,
que fui muito cuidadosa
emquanto o estive a esp'rar.

Vae buscar os arranjos de costura ou bordado: falando sempre

Depois, o trabalho aparta
de nós o fastio e o tedio
quando s'espera... É remedio
mais que excellente.

Ao apanhar um novello, que cahiu, vê a carta de Jorge

Uma carta?

Apanha-a

É dirigida a meu marido e vejo
que está aberta: foi, portanto, lida.
Ficou, acaso, para ahi cahida,
quando sahiu? Que tentador ensejo
para saber, talvez, algum segredo!
Mas devo lêl-a?... Devo: entre casados
não póde haver negocios sonegados.
Vamos, coragem! De que hei de eu ter mêdo?

Abre a carta e lê

—«Meu Jorge. Espero-te, esta noite, aonde
«a vez primeira te encontrei: o conde
«volta ámanhã.»

Recita

Mas não é isto um sonho?

Fica um momento estupefacta

Póde esta carta ser-lhe dirigida?
Não será tudo um *cauchemar* medonho?

Confronta a letra do sobrescripto com a da carta: tristemente:

Não!... é verdade... é certo! sou trahida!

Cáe n'uma cadeira, afogada em lagrimas

Trahida!... Eis a verdade, eis a verdade!
Não póde haver supposição mentida,
que vingue ante a cruel realidade...
Trahida!... eis a verdade: sou trahida!
Meu pobre coração! Ainda ha pouco
tu afagavas infantis chimeras,
rasgando o azul de lucidas espheras
no rasto d'uma crença, pobre louco!
E agora... Como é triste o despertar
á voz brutal da realidade... triste!

Cair do azul, onde a ventura existe,
no escuro pégo, que nos vae matar!

Fica pensativa: enxuga o pranto: — animando-se

É forçoso que a mim as forças chame,
porque devo luctar... Tenho descido,
mas não caí... Ah, senhor meu marido!
já é preciso ser bastante infame!
Não ri melhor o que se riu primeiro:
eu tambem hei de rir. A tal *partida*
julgou-a ganha?... Pois não está perdida!
Mais carambolas... *seu caramboleiro!*

Nervosa

Que hei de eu fazer, meu Deus? Se eu o seguisse?...
Mas como? aonde? e a esta hora? e só?...
Andar por 'hi á tôa?... Ah! se me visse,
se elle me visse agora... tinha dó!
Mas vamos .. Hei de achar um estratagema,
um meio de vingar-me d'esta affronta...
Vingar-me, sim! Mas como?—Eis o problema,
que eu não sei resolver, cabeça tonta!

Senta-se, pensativa

É isso... Eu posso fugir
para casa de meus paes,
contar-lhes tudo, e demais...
Mas vou-os tanto affligir,
causar-lhes tão funda pena!...

Pausa

Tenho inda a lei que redime,
a lei que é justa e condemna...
e eu tenho a prova do crime
fechada na minha mão!

Mostrando a carta

Ha o divorcio...— e talvez
fosse a melhor solução.
Devo intental-o?...
Pausa
Ha só tres,
—tres mezes só!— que vivemos
felizes, tão bem casados,
que o mesmo pensar só temos,
e... já de vez separados?...
Não póde ser. É enorme
a falta d'aquelle vandalo,
mas peor é o escandalo,
e a sociedade não dorme!
Pensando
Vejamos... Se eu simulasse
um *rendez-vous*, combinado
com um qualquer namorado
para esta noite, e deixasse
p'ra 'hi a carta, *caida*
por um descuido... Este plano
é bom e excellente a *partida:*
—o engano pago com o engano—
—os zelos pagos com zelos—
Vamos, senhor meu marido!
ha de tambem conhecel-os,
ver se o *manjar* é gostoso...
—A Martha sabe escrever:
póde, pois, auxiliar-me
no que pretendo fazer!
Com energia
Quero, preciso vingar-me!
Fere um timbre

Pena de Talião!
Em casos d'esta ordem
não deve haver perdão!
Quando os ciumes mordem,
e a raiva em nós avança,
não póde haver desdouro
na mais atroz vingança...
—justiça, pois, de mouro!

LAURA e MARTHA

MARTHA

Chamou, menina?

LAURA

Chamei.
Vem cá, preciso de ti.

MARTHA

Está só?

LAURA

Estou.

MARTHA

Não senti
saír.

LAURA

Dormias?

MARTHA

Eu sei!...
Podia ser.

LAURA

Ouve bem:
eu quero que tu me ajudes
a enganar meu marido.

MARTHA, *assombrada*

Oh, Deus do ceu! se alguem
ouvisse isto!...

LAURA

Não mudes
d'assumpto: é tempo perdido,
e o tempo é bem precioso...

MARTHA

Mas sabe acaso o que diz?
Quer enganar seu esposo?!...

LAURA, *sorrindo*

Descança, que eu nunca fiz
tenção de ser infiel...
Oh! Deus me livre... Vaes ver.
Aqui tens penna e papel.
Vae buscar o que diz

MARTHA

Isto é p'ra eu escrever?

LAURA

É, sim: e anda, depressa,
que o tempo foge. Anda, escreve.

MARTHA, *hesitando*

Minha menina, se é *peça*,

que quer *pregar-me*, não deve
esquecer-se de repente,
que a vi nascer, que a criei...

LAURA *atalhando*

que és minha amiga: bem sei!
Á parte
Que melindrosa esta gente!...
Alto
Escreve o que vou dictar,
que depois te explicarei
o que pretendo fazer:
—é um engano innocente...
Desejo ainda brincar,
tão velha sou!

MARTHA, *pegando da penna*

Póde ser...
Nem eu me devo importar
com isso... Então?...

LAURA, *dictando*

«Meu amor.
«O teu *m*.. Pontinhos...

MARTHA

M grande?

LAURA, *continuando*

pequeno: assim; pontinhos... continúa:

MARTHA

Que mais?

LAURA

Espera: o caso é grave.
Pensando

MARTHA, *largando a penna*

Mande
descançar armas, se me faz favor,
emquanto pensa

LAURA

Mas que pressa a tua!

MARTHA

O tempo foge — ouvi dizer-lhe.

LAURA, *lembrando-se*

Agora!

MARTHA, *retomando a penna*

Prompto!

LAURA, *dictando*

«O teu *m*... está ausente: vem
«dar-me a ventura, que eu gosei outr'ora,
«e que sem ti não posso ter...

MARTHA

Vae bem,
mas não percebo mesmo nada!

LAURA

Assigna.

MARTHA

Eu?! perfilhar esta hedionda obra?
Isso é que não: não póde ser, menina!

LAURA

Assigna... «Paulo»: vamos lá.

MARTHA, *escrevendo*

Redobra
o meu desejo de me pôr em dia
com tudo isto.

LAURA

Bem, deixa-me ver.
Tens boa letra e boa orthographia.

MARTHA, *descontente*

Pois nem por isso pude compr'ender.

LAURA

Já vaes saber a minha idéa.
Dobra e guarda a carta
Espera,
que eu volto já: não adormeças.
Entra no quarto

MARTHA, só

Sim!...
Não adormeças... Isso lá quem dera
poder fazel-o!... Era bem bom!— Emfim,
vamos a ver em que isto dá. A mim
'stá-me par'cendo, que não é apenas
simples gracejo, pura brincadeira,
como a menina quer mostrar. Deus queira
que eu não assista a pavorosas scenas!
Porque, afinal, quem pensar bem no assumpto
e no bilhete que escrevi, presume
— sem carecer d'um excepcional bestunto —

que em tudo isto deve andar... ciume.
Oh! isso anda... que eu conheço bem
o tal *menino* endiabrado e forte,
que se diverte em fazer mal e tem
um grande gôso em nos fazer *dar sorte.*

Pausa

Pobre creança, que toma
o casamento 'inda a serio,
como se elle não fosse
dos vivos o cemiterio!
Bem andei eu, que não quiz
prender-me nunca. Podera!
Fiar-me em homens!... Quem diz
que em tal caisse?!...—Quizera
que todas assim fizessem,
e nós veriamos, sim!
se as teias, que os homens tecem,
nos enredavam assim!
Ingratos! maus! deshumanos!
pardaes gulosos, damninhos!
Solteiros, são uns pombinhos!
casados, são uns tyrannos!
Eu que os conheço—traidores!
eu que os conheço—uns devassos!
sempre no rasto, nos traços
das aventuras d'amores...
Roubam-nos a liberdade
no casamento—os Tartufos!—
e vão tecer outros ninhos..
Depois... são estes arrufos,
e *et cætera*... pontinhos...

LAURA e MARTHA

LAURA, *que vem do quarto, vestida para sair*

Está tudo prompto... Julguei
encontrar te adormecida.

MARTHA

Pois vae saír?!...

LAURA

Não.

MARTHA

Cuidei...
Como a vejo assim vestida...

LAURA

Escuta, Martha:—eu preciso
que meu marido acredite
ter eu saído...:—um convite,
que eu não esp'rava, uma carta...

MARTHA

Á parte

Perdeu de todo o juizo!...

LAURA

Dirás, emfim, minha Martha,
o que melhor te par'cer,
comtanto que não presuma
que tudo isto é .. comedia.

MARTHA

Começo de perceber...
mas, *cuidadinho!* que, em summa,
póde acabar em tragedia
o que só mira a brinquedo
Intencional
— segundo, ha pouco, me disse...

LAURA

Socega, não tenhas medo:
— tragedia!... é boa tolice!
— Ha na cosinha uma porta
que deita para a escada,
se não me engano?...

MARTHA

Ha, de certo.
Á parte
Pobre creança! — Está morta
de zelos, e não diz nada...

LAURA

Pois vamos vel a de perto.
Tu vens commigo. É mister
que saibas bem o papel,
que te destino.
Sobe, e vae á porta do fundo

MARTHA

Á parte
E não quèr
que sejam zelos... Pois sim!
A bocca trava lhe a fel,
e teima que é gergelim.

LAURA

Sobem a escada...
Chamando-a
Depressa..
Entra na cosinha

MARTHA, *saindo*

Primeiro acto da peça!

JORGE, só

JORGE *abre cuidadosamente a porta do fundo, espreita e não vendo ninguem*

Ninguem!?.. É caso! Ir-se-ia
deitar?... Tão cedo?!...—Coitada!
De certo se aborrecia,
ficando só. Não ha nada,
que vença o tedio profundo,
que dá o isolamento:
p'ra mim não ha n'este mundo
mais horroroso tormento...
Só!... ver-se só!... Não poder
ouvir alguem, que responda
á nossa voz... e não ter
um meigo olhar, que nos sonda
n'uma expressão indizivel
de carinhosa doçura,
é como uma noite escura
sem uma estrella... É horrivel!
E no entretanto... Afinal

pensei melhor; fui um homem
— um homem forte — e um marido
honesto e digno: — a moral
venceu e não me consomem
remorsos de a haver trahido.
É tempo de ter juiso...
— O meu viver de rapaz
morreu com o casamento.
Não perturbemos a paz
do lar, do meu paraiso,
— que eu esqueci um momento.
Que posso eu mais desejar?
Tenho uma linda mulher,
que me estremece e me quer
o mais que se póde amar:
— um anjo, em summa: casados,
ha poucos mezes, só tem
por mim uns ternos cuidados,
que me captivam. Pois bem!
em troca d'elles, e, emfim,
do seu extremo constante,
ella que exige de mim?
— que eu seja marido e amante,
esposo e amigo dilecto,
leal, de sã consciencia,
e, para *tanta exigencia*,
basta-lhe um pouco d'affecto!
— Amal-a, eis tudo: — e quem quer
sempre a ventura no lar
que ame a sua mulher,
p'ra que ella não possa ter

um outro que a saiba amar.
Sorrindo
Doutrina de Frei Thomaz
— é certo — mas, d'esta vez,
prégou só o que elle fez,
não prégou o que não faz.
Pausa
Vejamos se adormeceu.
Pobre creança! a quem eu
quiz enganar — um malvado! —
Como os remorsos nos mordem,
quasi sem termos peccado!
Dirige-se para o quarto
Que é isto?... tudo em desordem!
Ninguem...
Affirmando-se
Mas não! não me illudo!
Não se deitou... Saíria?
Que significa isto tudo?
A esta hora onde iria?
Chamando
— Martha!... Ninguem me responde...
Saiu... — mas é impossivel!
Chamando
Laura!... — De certo se esconde
de mim... Vejamos: é crivel,
que assim de noite... Pareço
doido.
Entra no quarto, saindo pouco depois
Uma carta perdida...
e é letra desconhecida...
Abre a carta
Paulo?... — Não sei... não conheço.

Vamos a ler.

Lê

«Meu amor.»

Admirado

Hein?

«O teu *m.* está ausente. Vem
«dar-me a ventura, que eu gosei outr'ora,
«e que sem ti não posso ter.

Pasmado

Horror!
Meus pobres olhos não veriam bem?

Com força

Mas aonde é que o scelerado mora?

Guarda a carta, vae a um estojo buscar um rewolver

Ah! os infames!... e eu, ainda ha pouco,
a crel-a boa e innocente e pura!...
Ella, a adultera, a mulher perjura,
chamei lhe eu «anjo»! — miseravel louco!
Hei de matal-os. A injuria, a offensa,
é nodoa enorme que só lava o sangue...
e o meu desforço d'esta affronta immensa
será cuspir-lh'a no seu corpo exangue!
Desgraça a quem me perdeu!

Vae buscar o chapeu

JORGE e MARTHA

MARTHA, *entrando, á parte*

— Acto segundo: entro eu.

Alto

Chamou, senhor?...

JORGE, *admirado*

Tu aqui!?
Pois tu não tinhas saído,
e não me ouviste chamar?!

MARTHA

Eu não, senhor, não ouvi.
Estive algum tempo a resar
e teria adormecido...

JORGE

Minha mulher onde está?

MARTHA, *enleiada*

Eu sei!... no quarto, talvez.

JORGE

No quarto?... Não a vi lá.
Estás-me enganando, bem vês.

MARTHA

Eu, senhor Jorge?! — Perdão,
mas nunca falto á verdade.

JORGE

Não faltas?... — Pois diz-me então
aonde foi a senhora?...
— Mas diz-m'o, por piedade!

MARTHA

Mas se eu não sei..
Á parte
Que *palão!*

JORGE *furioso*

Mentes, infame! traidora!
e vaes pagar-m'o...

MARTHA, *assustada*

Perdão!
mas eu...

JORGE

Attende: tua ama
nada te occulta — a culpada!
Pois bem! — ou tu me confessas
onde ella foi e a morada
do seductor, que ella ama,
Tirando o rewolver
ou, n'este momento, cessas
de viver mais... Vê: reflecte...

MARTHA, *muito assustada*

Jesus! que susto me mette...
Valha-me Deus! — Pois eu vou
contar-lhe tudo o que sei...
Tocam forte a campainha da porta de entrada

JORGE

Eu vou abrir...
Á parte
Já voltou
a casa...
A Martha
Deixa nos pois.

MARTHA, *saindo*

Entendam-se agora os dois...
Safa! de que eu me livrei!

LAURA e JORGE *que tem ido abrir*

LAURA *com um embrulho na mão, que põe sobre a mesa: fingindo-se surpresa*

Ah!...—Não te esp'rava tão cedo.
Chegaste ha muito?
Tirando o chapeu
E a partida?
Gostaste?.. foi divertida?
Meu Deus!... mas causas-me medo...
Que tens?...

JORGE

Eu?!... nada.
Á parte
É incrivel
como tão bem dissimula!
O meu estado é horrivel...

LAURA *com garridice*

Sabes?.. pequei...
Sorrindo
Tive... *gula*...
Deixaste-me aqui ficar
só... com uns sustos crueis,
e um appetite... voraz.
Saí, e fui ao Ferrari [1]
comprar uns bellos pasteis...

---

[1] Leia sempre *Fêrrar*.

—abre esse embrulho e verás.
Lembrei-me tambem de ti...

JORGE *seccamente*

Muito obrigado.

LAURA

Não queres?

JORGE, *idem*

Não.

LAURA

Mas vê sempre.

JORGE

Já vi.

LAURA

Que modo o teu!

JORGE

Á parte

Ai! mulheres!
Vejam que historia arranjou
do pé p'ra mão!—Uma artista!

LAURA

Estás zangado?...

JORGE

Não estou.

LAURA

Julguei.

JORGE

É da tua vista.

Até me sinto contente...
muito contente!...

LAURA

Inda bem.

Com meiguice

Não me agradece o presente?

JORGE, *sombrio*

Laura! .. Onde foi?... D'onde vem?...

LAURA, *com ingenuidade*

Mas, santo Deus! já t'o disse:
fui ao Fêrrá...

JORGE, *atalhando*

Não prosiga!
Basta de farça!—Não diga
mentiras...

LAURA

Eu?! Que tontice!
É muito forte...—mentiras!

JORGE

Pois é o termo:—o momento
não é p'ra escolha de phrases,
entendeu bem?...

LAURA

Tu deliras,
meu pobre Jorge!...

Á parte

Está fulo!

Movimento de exasperação em Jorge. Alto

Eu não percebo o que fazes
e a causa das tuas iras...

JORGE. *á parte*

Tenho os instinctos d'um Zúlu
n'este momento..

Alto e tragico

Senhora!
o seu amante onde móra?

LAURA, *com falsa surpresa*

O meu aman... Mas, por fim,
endoudeceste!...

Rindo

JORGE

Não ria!
Não ria, por Deus! agora,
ou não respondo por mim!

Com voz cava

O seu amante onde está?
Hei-de-o por força encontrar,
o biltre!—Vamos: - responda.

Laura encolhe os hombros

Oh! não me fale em Ferrari,
nem nos pasteis, veja lá!
que eu sinto crescer a onda
do desespero...

LAURA

Estou farta
d'ouvil-o, sabe?... Está louco!

JORGE

Sou louco?!—Leia essa carta,
que eu tambem li, inda ha pouco.

Dá-lhe a carta

Veja essa infame traição,
até que nivel desceu...
Mas veja, leia...

Emquanto fala, Laura trocou a carta pela que tem na algibeira

LAURA *restituindo a carta trocada — dramaticamente*

Oh! não.. não!

JORGE *tirando-lhe a carta — ameaçador*

Pois se não lê. . leio eu.

Abre a carta e lê:

«Meu Jorge. Espé...

Á parte

Oh! diacho!
como foi isto afinal?

Muito atrapalhado

É outra carta...

LAURA, *finamente ironica*

Vês mal?
Eu alumio.

Chega o candieiro

Achas baixo?

JORGE, *mais atrapalhado*

Não é preciso...

Á parte

Que historia!

LAURA, *repondo o candieiro — a parte*

Agora eu...

Alto

Então... lês?
Pede um auxilio á memoria,
se, por desgraça, não vês

bem.—Desejas que eu leia?
É o que mais te convinha,
ha pouco...

JORGE *que tem mostrado na physionomia ter comprehendido*

Sim...

Á parte

Percebi.
Leu o convite da cêa,
pescou a *balda*, que *eu tinha*,
trunfa de *basto* e... perdi...

LAURA

Dás-me essa carta?

JORGE, *reanimando-se*

P'ra quê?
Não vale a pena, querida!
sem que esta *carta* te *dê*,
tu já ganhaste a partida...

Sorrindo

Viste-me o jogo!... Ora vamos.
Sejamos francos, sejamos
bons amiguinhos tambem:
digamos tudo. Eu começo:

Ajoelha

Eu, peccador, me confesso...
—Vou bem assim?...

LAURA

Muito bem!

JORGE

de ter peccado um momento,

Accentuando

apenas em pensamento...

LAURA, *vivamente*

Apenas?...

JORGE

Juro! e protesto
não tornar mais a peccar...
Palavra d'homem honesto!
Perdoas, Laura?...

LAURA

A falar
verdade, a tal confissão
agrada-me: a humildade
é já virtude: e o perdão
sempre o obtem da caridade
quem sabe ser bom christão.

FINAL.

ANDRÉ THEURIET

JOÃO MARIA

DRAMA EM UM ACTO, EM VERSO

Representado pela 1.ª vez no ODEON,
em 11 d'outubro de 1871,
pela eminente actriz SARAH BERNHARDT
e pela mesma actriz
no theatro de S. Carlos, em Lisboa
em 1895

TRADUCÇÃO DE

ALVES CRESPO

—

1896

A Minha Mulher

Personagens

JOÃO MARIA..... .. .. *MM. Posel.*
JOËL..... » *Talien.*
THEREZA, sua mulher..... *M.elle Sarah Bernhardt*

Na Bretanha, costa de Finisterra

ACTO UNICO

Interior d'uma herdade bretã. — A' direita, no primeiro plano, uma chaminé alta e profunda; perto da chaminé, um *fauteuil* velho: no segundo plano, porta communicando com divisão contigua —A' esquerda, um aparador velho, e, á frente, uma mesa, um *fauteuil* de couro e escabellos. Ao fundo, á direira, uma janella abrindo para as ribas; ao centro, uma porta em arco, por onde se vê, ao longe, o mar e a praia — Ao erguer do panno, Thereza está de pé, junto da janella aberta, a fiar: emquanto fia, canta a meia voz.

THEREZA

Tinha-se o brigue afundado
com os seus mastros e vélas,
e o ceu logo illuminado
se viu—e, á luz das estrellas,
Santa Azenor, sobre o mar,
como uma ave, a pairar ..

Interrompe-se e olhando para o campo:

Como se ouve, esta noite, o grito das gaivotas!
Em bandos, lá na praia, as suas tristes notas
agudas vão juntando aos bramidos do mar...
Nunca as vejo cortar, em turbilhões, o ar,
sem que aos labios me venha esta ballada antiga,
com seu lento estribilho, a insistir que a diga!

Senta-se.

A santa tirou do mar
o capitão semi-morto,
e, nas azas, a voar,
o levou até o porto.
«Acorda, meu capitão,
«teus dominios aqui estão».

Interrompe-se de novo.

E não viu mais o porto e a pobre habitação
quem me cantava, outr'ora, esta velha canção!
Aos santos foi em vão que eu disse os meus martyrios,
e debalde accendi, por elle, os bentos cirios...
Os santos não attendem já quem os implora,
e o mar não restitue aquelles que devóra...

Deixa cahir o fuso e fica pensativa.

THEREZA, JOËL

Joël entra pelo fundo e põe um embrulho sobre um escabello.

JOËL

Bons dias.

THEREZA, *surprehendida*

Joël!...

Enxuga rapidamente uma lagrima e levanta-se.

JOËL

Tu não me esperavas já.
Despachei-me mais cedo e logo vim, vê lá!
Como, no outro mez, me tinhas censurado
por ter vindo mais tarde e ter beberricado,
mal o trigo vendi, tratei de me safar
e, apesar de sentir no bolso a tilintar
o dinheiro e de ter a cidra ali á mão,
festiva, a espumar no vasto cangirão,
fui-me a egua sellar e vim aqui direito.
Já vês que me portei como o melhor sujeito!

THEREZA, *sorrindo.*

Sem duvida. Tambem, eu sei de certo vinho,
que vae saber-lhe a pouco. E' seu: beba um copinho
para a cidra esquecer...

Vae buscar uma garrafa e um copo e colloca-os na mesa, defronte de Joël.

JOËL, *assentado e limpando a testa*

Pois sim. Muito obrigado,
Thereza!

Bebe.

Até me faz alegre e animado.

Olhando Thereza, que tornou a pôr a roca.

Tu não és curiosa, ou mesmo interesseira...

Pois chego da cidade e venho d'uma feira,
e deixas-te ficar, n'uma indifferença muda,
sem mesmo perguntar se a feira foi graúda,
se trouxe para casa alguma compra nova...

THEREZA

Sacode a cabeça como para afastar uma idéa fixa.

Perdão!

JOËL

Essa tristeza hade levar-te á cova!
Tu, distrahida sempre, o olhar sempre perdido
pelas nuvens, em sonho, vago, indefinido,
em que pódes pensar?

THEREZA *volta para junto de Joël, tendo guardado a garrafa e o copo.*

Pois vou ser toda ouvidos.
Vendeu bem o seu trigo?

JOËL

Olé! dos bem vendidos!
Nunca, no mez de junho, o mercado do trigo
viu tanta gente ali, buscando n'elle abrigo.
O gado e o povoleu crescia, a cada instante,
na rua a trasbordar, como a onda offegante.
Cosinhas chamejavam: nas habitações
viam-se as lareiras e, sobre bons tições,
filhós a rechinar. Feirantes pullulavam,
e as teias e os *bijoux*, que tanto scintillavam,
eram um chamariz, prendendo a attenção...

Vae buscar o embrulho ao movel, em que o pozera, ao entrar.

Dos meus lucros tirei a tua parte e, então,
fui-me pôr a escolher — vês tu? — só bagatellas.

Desata o embrulho e mostra tecidos de seda de côres deslumbrantes.

Eu nada entendo d'isto. Agradam-te? São bellas?
A gente, que as vendeu, teimava em affirmar,
que a um paiz remoto as fôra procurar,
ás ilhas do Japão — supponho eu — á China...
e que vinham de lá, d'uma terra assassina,
mostravam elles bem, pobres homens do mar!

THEREZA, *estremecendo*

Do mar?...

Á parte

Mas, ao menos, poderam regressar!

JOËL, *com modos de desapontado*

E então? ficas ahi, transida de desgosto?
E eu que julgava... Emfim... É tudo de mau gosto?
E é muito feio?

THEREZA

É lindo!... e o meu Joël é bom,
muito bom para mim.

JOËL *erguendo-se*

Bom... era ter o dom
de nunca mais te encontrar triste ou desmaiada.
Para tal vêr — oh, ceus! — eu punha-te enfeitada,
assim como a reliquia é posta no altar!
Mas é em vão que eu scismo e ando a malucar...
Sempre essa pallidez e o mesmo tedio intenso!

Ainda agora — vês ? — teus olhos, onde o lenço
as lagrimas bebeu recentemente, estão
vermelhos de chorar — que tu choraste ha pouco !
Esses prantos — meu Deus! — fazem-me, ás vezes, louco!
Em tempo os comprehendi, quando perdeste a mãe :
e eu dizia commigo : «ha de passar ! — Pois bem !
passa em todos a dôr, mas teu penar sem fim
lavra atravez de tudo, é como a erva ruim !

THEREZA

Não quero mais pensar em nada que entristeça.
Não me vê rir ?

Ensaia um sorriso e desata a chorar.

JOËL, *com amargura*

Se vejo!... e o pranto que não cessa!...
Que tens tu ? Que falta á tua felicidade ?...
Melhor mobilia aqui ? mais vaccas na herdade ?
mais roupa na tua arca ?... O que desejas ? Diz,
que eu tudo te darei, sabendo-te feliz !

THEREZA

Pungem-me os remorsos, como uns crueis cilicios...
Quanto mais culpada, maiores os beneficios,
Joël !

JOËL, *estupefacto*

Remorsos, tu ?! Culpada, tu, Thereza ?!

THEREZA

Tenho no coração um remorso, que peza...
que me peza não ter ainda revelado. .
Quantas vezes o tenho a mim mesmo esprobrado !...

JOËL

Um segredo entre nós?. . Mas, se me diz respeito,
porque motivo o tens guardado no teu peito?

THEREZA

Desde o dia em que foi pedida a minha mão,
de tudo lhe contar, Joël, eu fiz tenção;
mas minha pobre mãe não quiz que lh'o dissesse
e eu cedi.. Fiz mal; mas hoje é bem que cesse
este pezo que, ha muito, o meu tormento faz.
— Vivia á beira-mar, outr'ora, um bom rapaz,
no caminho que vae ás Tres Lagôas. Era
natural de *Ker-laz* e por nome tivera
João Maria. Meus paes gostavam d'elle e, assim,
fômos crescendo os dois no mesmo lar... Por fim,
foi-nos prendendo um terno e puro sentimento
e ajustámos, um dia, o nosso casamento.
João Maria era pobre: eu nada lhe levava
em dote. Foi p'r'o mar Bem novo se arriscava!
Tinha pressa em pôr fim ao nosso viver pobre,
transformando em bom ouro o seu dinheiro em cobre,
e n'um brigue veloz, chamado o «*Rei Milhão*»,
um dia lá se foi na róta do Japão.
Era longe? O amor distancias não conhece:
encurta-as quando quer... Se Deus o protegesse!
Um anno se passou... e ainda um outro anno...
Uma nova cruel transpõe o Oceano...
N'uma costa bravia, inçada de penedos,
perdêra-se o navio, ali, entre os rochedos!. .
O temporal á praia arremessou apenas

um corpo e outro e mais—oh, lutuosas scenas!—
inanimado, informe... E, desde aquelle dia,
nunca mais eu ouvi falar de João Maria...
Tudo acabou!...

JOËL, *bruscamente*

Quem sabe? A's vezes, n'estes portos,
vêem-se homens do mar, que se julgavam mortos...

THEREZA

Ai! quanto eu trabalhei para saber seu fim!...
Rezas, indagações... sei eu? .. Pobre de mim!
Mas o ceu ficou surdo e a terra silenciosa...
Ah! eu esperara-o sempre, até á morte, anciosa,
se não me convencesse bem de o ter perdido
para sempre!...

Suspende-se um instante; Joël ouve-a, d'olhar consternado; depois ella recomeça, como se falasse comsigo mesma.

E, comtudo, eu tenho só vivido
a meu pezar—é certo—a pensar n'elle... Em vão
procuro resistir... A's vezes, ao serão,
quando o vento esfuzia, arrepiando o mar,
creio ouvir essa voz saudosa, a soluçar,
como um longo gemer na vastidão deserta...
e, ao vêr, de vela a arfar—como uma aza aberta—
os barquitos de pesca a demandar o porto,
segreda-me uma voz: — «se não estivesse morto?!»

Joel senta-se, muito abatido.

Oh, perdão! Andei mal...

JOËL

Mal?... Não! Mas a franqueza
faz-me ver o meu erro e a minha singeleza...

Agora entendo bem teu mudo prantear...
Entendo tudo! E eu a pretender seccar
lagrimas taes, meu Deus! com estas compras toutas!

Pega dos tecidos sobre a mesa e dobra-os mecanicamente

Por vezes, ao serão, fazendo as minhas contas,
disse para commigo, ao vêr a somma finda:
—«Vamos, temos aqui para mercar ainda
«um armario de carvalho, um espelho bom, á prova...
«e, quando em toda a casa houver mobilia nova,
«o tedio de Thereza então ha de passar,
«e a alegria virá encher o nosso lar».
Sentia dentro em mim a esperança renascer!
Agora entendo tudo e sei que o teu soffrer
é mal que nunca o ouro havia ter curado.....
que eu não posso luctar com a sombra do passado!..

Atira com os tecidos ao chão e levanta-se

Ah, maldito cabello, o meu cabello branco!
Se eu fosse novo, e o sol, no seu ultimo arranco,
e a seiva, morta já, podessem reviver,
havia d'ensaiar do coração varrer
esse espectro d'amor, vencêl-o em longo assédio.....
Mas, na edade em que estou, o mal é sem remedio!
Sou velho, triste e feio... Ó minha mocidade!..

THEREZA

Ouça, meu bom Joël. Eu tive a impiedade
de o fazer partilhar a minha dôr cruel
e offensiva, mas vou tornar-me uma fiel,
boa esposa, ha de ver. Para agradar-me mais,
annuiu a viver na casa de meus paes...
N'ella reina o passado e aqui sou-lhe eu vassallo.

O crepitar do fogo, a flôr e até o gallo,
cantando, faz lembrar-me os dias bons d'outr'ora,
que o mar aviva mais com a sua voz sonora.
Fujamos, pois, d'aqui: leve-me ás suas terras,
longe, bem terra a dentro, a essas êrmas serras,
d'onde não veja mais o porto nem o mar.

JOËL

E poderias tu assim abandonar
tudo a que tens amor?... a casa, o ninho...

THEREZA

Peço-lh'o!

JOËL

Mas é quasi um exilio e o seu alcance meço-lh'o!
Quem se expatria leva em si fundas saudades...

THEREZA

E não deixou por mim a sua terra e herdades?

JOËL

Por isso, ainda hoje — crê — me sinto mal,
quando passo na lande, onde era o meu casal...

THEREZA

Vamos vêl-o!

JOËL

Obrigado, oh, sim! muito obrigado!
Mas deixa-me pensar em tudo isto um bocado...
É bom só resolver as cousas com vagar,
e estas emoções turvaram-me o pensar.
Passa a mão pela fronte

Esta velha cabeça é fraca e eu preciso
ruminar ao ar livre o projecto indeciso.
Vou-me as pastagens vêr e voltarei á hora
da ceia—Adeus.

Aperta a mão de Thereza e sae pela direita

Emquanto Joël se afasta, Thereza volta á janella e enche a roca

THEREZA

Sim... sim... Vou ser melhor agora.
Hei de esmagar no peito esta profunda pena,
que se apossou de mim como feroz hyena.
Hei-de esquecer-te, emfim, ó pobre João Maria!

Pausa

Como o ar é pesado!

Abre os dous batentes da janella

Ouve-se a gritaria
das gaivotas no ar e o mar é calmo—Vem
a tormenta a pairar.

Vae sentar-se á direita e recomeça a fiar.

E que bondade tem
este pobre Joël! Fôra um peccado, um crime,
dar-lhe a mão e fechar-lhe o coração - Redime
o passado cruel ser bôa agora, espero —
Quando formos viver longe do mar, eu quero
tornar-lhe o lar feliz e a sua vida calma;
e os amigos virão, bons como a sua alma,
pôr na sua velhice uma alegria sã.
Junto d'elle eu então, fiando a minha lã,
farei por me sorrir e até cantar...

Suspira.

Ai, pobre
de mim! que sei canções só tristes como um dobre!

Momento de silencio. Canta, depois, a meia voz:

«A santa tirou do mar
«O capitão semi-morto
«e, nas azas, a voar,
«o levou até ao porto.
—«Acorda, meu capitão,
«teus dominios aqui estão.

«Chegando ao castello, ao ver
«que tinha a porta fechada,
«poz-se a bater, a bater...
— «Não chores, ó minha amada!
«Crês perdido o teu amôr?
«Traz-t'o aqui santa Azenor...»

E, bem a meu pezar, só penso n'elle ainda!..

THEREZA, JOÃO MARIA

João Maria apparece ao fundo e detem-se, no limiar, para contemplar Thereza. Esta volta-se, de subito, e levanta-se, dando um grito.

THEREZA

Ah!

JOÃO MARIA

Sou eu, meu amor, ó minha noiva linda!
Sim, sou eu!

THEREZA, *trémula*

João Maria!

JOÃO MARIA, *correndo para ella*

Emfim! posso-te ouvir
e ver e as tuas mãos nas minhas mãos sentir!...
Quiz fazer-te surpreza e, assim, não te avisei.
Apenas poude ser, a embarcação deixei
e deitando a correr, livre, emfim, de trabalhos,
o campo atravessei, cortando por atalhos.
Que tempo! O ceu azul mirava-se nos prados,
e a madresilva, em flôr, trepava nos vallados.
Ao rever a alliaga, em sol toda afogada,
fez-se dentro em meu peito uma alegre alvorada!
e, quando descobri, por traz do arvoredo,
uma fita de fumo a sahir, como a medo,
d'este tecto, e ao transpôr, d'um salto, os muros velhos,
de repente senti curvarem-se os joelhos...
Não cahi por um triz!

Interrompe-se e fixa Thereza.

Mas tu, minha Thereza,
és pallida, talvez tranzida da surpreza...
Evitas-me o olhar e treme a tua mão...
Que tens?

THEREZA, *com voz fraca*

Ha pouco ainda, á tua apparição,
vi uma alma penada—a tua—ali surgir,
e esta triste illusão fez me tal dor sentir!...
Esperámos tanto tempo o teu regresso e tanto
te chorámos tambem!...

JOÃO MARIA

É de causar espanto
como eu pude salvar-me! É Deus quem determina!...
Lá pelo mar Vermelho e, ao voltar da China,
singrava o «*Rei Milhão*» para o paiz do ouro.
Não se via da praia—ao largo—o listrão louro,
mas a brisa trazia-nos sons de sino e certo
para nós se tornava estar a terra perto.
Veio a noite sinistra e, ao matinal clarão,
vento fresco e ponteiro e espessa cerração
levou-nos a um baixio e o mar, peça por peça,
nos rochedos desfez todo o navio. D'essa
catastrophe escapei só mais tres companheiros :
e o fragil escaler, com os quatro marinheiros,
vogou um dia todo, em lucta com o mar —
A uma ilha deserta, emfim, fomos parar,
onde soffremos fome e, mezes, supportámos
a ardentia do sol, o horror da noite. Andámos
assim, até que, um dia, vimos uma véla
erguer-se sobre o mar, como uma branca estrella...
Era a vida!... Meu Deus ! e como o coração
saltou, quando ao signal responde a embarcação !
Recebem nos a bordo e seguimos viagem.
Pouco tempo depois, eu era da equipagem
e fui, atraz da sorte, ao Oriente dar :
porque eu não queria vir — a ter de cá voltar —
um mendigo. E eu dizia : «é por ella esta lida !»
seguindo sempre apóz a riqueza fugida..
Sentindo-me cançado e menos pobre, um dia,
parti, cheio d'amor, de força e d'alegria,

e eis-me aqui. E tu, meu bem, foste feliz
durante a minha ausencia e longo exilio? Diz...
O casal, esse, sim, deve ter prosperado.
Do alegrete florido e da erva do prado
vem um cheiro suave a bem estar...
Sorri.
Em vão
pedirei a teu pae agora a tua mão...

THEREZA

Meu pae morreu.

JOÃO MARIA, *descobrindo-se*

Morreu?... Tão forte e animado!
E a tua velha mãe?

THEREZA, *tristemente*

Este inverno passado,
transpoz o seu caixão o limiar da porta,
e a erva é alta já na sua cova...

JOÃO MARIA

Morta!
Mortos os dois, e eu longe, e tu a definhar
aqui, só, sem amparo, amortecido o olhar,
sem nada, sem alguem que te proteja e acoite...
e a distancia entre nós pondo o silencio e a noite!..
Sim, ficarei de vez. Já te não deixo, o bem
amada! ó meu amor! Vem a meus braços, vem!

THEREZA, *recuando, assustada*

Não, não! Vai-te d'aqui... Adeus!

JOÃO MARIA, *com ar incredulo*

É uma prova,
um gracejo, pois não ?...

Pega-lhe na mão e olha-a attentamente.

Esta alliança nova
não é minha !

THEREZA

Não. Dois annos já lá vão
depois que Joël pediu e obteve a minha mão.

JOÃO MARIA, *fulminado e apoiando-se á mesa.*

Casada !... Ó Deus do Ceu !...

THEREZA, *com voz supplicante*

Perdôa-me !

JOÃO MARIA

Casada
com o velho Joël !...

THEREZA

Ouve !...

JOÃO MARIA, *erguendo-se bruscamente*

Na esbrazeada
região tropical, quando, ás vezes, falávamos
d'esses que, embora longe, ainda ali amávamos,
lembrava-me uma herdade e a casa ennegrecida,
onde, casta e fiel, eu tinha a promettida
noiva, d'olhar azul, como os linhos em flôr...
Riam-se então ali do meu ingenuo amor,
dizendo que a mulher a todos atraiçôa,
é como onda inconstante, ou como a ave que vôa...

Dando por testemunha o ceu, eu affirmava
que Thereza era firme e que não me enganava:
e, para meu socego, os astros, aos milhares,
mandavam-me, serena, a luz dos seus olhares...
Tu, durante esse tempo, o peito já cançado,
pensavas que um marido é mais que um namorado
pobre, arriscando sempre a vida pelo mar...
Vestir-se de fustão e ír só a passear
é vergonha e faz dó: toma-se, pois, um esposo
velho, dá-se-lhe o braço e o ouro é que dá gozo!
Ah! quando o vento sul inflava as nossas vélas,
porque illudir-me assim, ó perfidas estrellas?...
Parceis, bancos d'areia e vós, ondas do mar,
porque esta horrivel vida havieis de poupar?
Morrêra sem saber, ao menos, que, perjura,
por um qualquer enfeite, a que eu julgava pura
— Thereza — se vendera em corpo e alma!

THEREZA

Escuta!

JOÃO MARIA, *desviando-a com a mão*

Não, não! Sinto, no peito, a revolver-se em lucta
mortal o coração — Adeus!...

THEREZA, *colloca-se entre a porta e João Maria*

Ouve primeiro!
Fica... Se do passado um brilho derradeiro
fulge em teu coração, como allumia o meu,
fica, tem dó de mim... Não sabes como eu,
antes de me casar, fui infeliz e quanto
luctei, soffri, chorei o mais amargo pranto! ..

—A desgraça bateu á nossa porta. Morto
meu pae, doente a mãe. Reinava o desconforto
e tudo annunciava um rude inverno. Não
parava um instante a minha roca. Em vão!...
O ganho não chegava, a divida crescia.
Tudo vendido já, a arca sem pão... vasia!
E a gente da justiça, austera como ella,
ía levar-nos já a ultima vitella...
Ah! como n'esse tempo, em vão, por ti chamei,
e quantas orações eu, supplice, rezei
por ti aos pés do altar—e com que ardor rezava!
Mas estavas tão longe, e a nossa cruz pesava
tanto! Um dia, Joël veio aqui visitar-nos,
sabendo que a miseria insistia em vexar-nos.
Conhecêra meu pae desde creança e, então,
vinha offerecer-nos auxilio e protecção—
Minha mãe aceitou. Elle voltava a miude,
a vêr-nos. Uma vez achou-me só. Não pude
fugir. Disse-me então: «A tua mãe definha:
«dá-me, por amor d'ella, o coração: sê minha»...
Mas o meu coração andava sobre o mar,
longe... e só respondi com um longo soluçar.
Veio a nova, depois, de haveres naufragado...
Perdido para sempre!... E Joël, a meu lado,
instante, a supplicar... A mãe nada dizia,
mas olhava-me e eu no seu olhar bem lia
uma supplica muda e commovente. E, assim,
sentindo a compaixão e a angustia dentro em mim,
disse o terrivel «sim», toda banhada em pranto.

Momento de silencio. João Maria, sentado perto da mesa, tem a cabeça occulta entre as mãos.

JOÃO MARIA

Que peccados mortaes fizemos para tanto
soffrimento ? ! O bom Deus devia proteger
o nosso casto amor e honesto proceder,
quando outr'ora, á tardinha, a sós e de mãos dadas,
viviamos os dois horas afortunadas !

THEREZA, *com ar sombrio*

Cala-te !

JOÃO MARIA, *depois de ter hesitado um momento*

Ao menos, elle é bom?... Faz-te feliz ?
Se é calmo o teu viver e estás contente, diz,
e a minha rude cruz será mais supportavel...

THEREZA, *a parte*

Eu, feliz ?! A mentira agora é desculpavel...
Alto
E calmo o meu viver. Joël é bom e o lar
tranquillo...

JOÃO MARIA

Ouve-me ainda. Eu pude-te lançar
em rosto «e brutalmente» o teu procedimento.
Perdão, se te offendi ! — que, desde este momento,
calando o desespero, eu hei de respeitar
o teu socego — Um favor eu quero implorar :
viver perto de ti : d'onde possivel seja
vêr sempre a tua casa, ou onde, ás vezes, veja
do arvoredo atravez, n'uma alegria louca,
as azas fluctuar da tua branca touca...
Contento me com isto...

THEREZA

Oh, não! Tens de partir...
Tu não podes ficar!...

JOÃO MARIA

Saberia fugir,
levando esta affeição, discreta e infinita,
a occultar-se, commigo, ahi, n'uma casita...
Não me verias!...

THEREZA

Não, não!

JOÃO MARIA

Posso-te jurar
pela Virgem, que eu hei de lealmente andar
e ser forte. Não crês que eu blasphême assim?...
Thereza abana a cabeça tristemente
Que podes recear?...

THEREZA

Receio só de mim!...

JOÃO MARIA *corre para ella e toma-lhe as mãos*

Ah! tu amas-me ainda e com o mesmo ardor!
Em vão tentas luctar com a força d'este amor,
que a distancia e a ausencia ainda mais ateia.
Nada poude quebrar os elos á cadeia...
Amas-me, sim!

THEREZA, *vencida pela emoção*

Oh, cala-te, por Deus!

JOÃO MARIA

A nossa infeliz sorte
trouxe o falso boato, aqui, da minha morte.
Fizeram-te dizer uma mentira vil,
como se faz falar um doente febril...
Deram a tua mão, negando a minha vinda,
mas o teu coração é meu, só meu ainda!

THEREZA

Só pertenço a um homem: é Joel...

JOÃO MARIA

Attende:
O navio hollandez, que me trouxe, pretende
esta noite seguir — Conduz á emigração
gente que soffre — como nós — pobres que vão,
deixando a patria e os seus, tentar melhor fortuna.
Vem. A herdade é deserta e a noite opportuna
vae a estrada, em breve, encher d'escuridão.
Tu amas-me... Depressa! e dá-me a tua mão.

THEREZA, *recuando*

Que queres tu fazer?

JOÃO MARIA

Quero fugir comtigo...

THEREZA

Não. Tu vaes partir...!
Á parte
Feliz, meu Deus, se consigo
ter força e resistir!...

JOÃO MARIA

Quem te póde reter?
Que esperas tu aqui? Que futuro vaes ter?
Cerca-te a solidão e a sua sombra ha de
pesar constantemente na tua mocidade...
Nunca tu has de ouvir creanças no teu lar...
Nunca a primavera virá sem te encontrar
banhada em pranto, e, emfim, cançada d'esta prova,
d'onde sairás viuva, ou morta, embora nova,
has de arrastar a cruz, n'uma crescente dor,
esposa sem familia e mulher sem amor!...

THEREZA

Ai, cala-te, por Deus! não digas mais!...

JOÃO MARIA, *tomando-lhe da mão*

Oh, vem!
Busquemos uma patria hospitaleira e bem
longe d'este logar. Entre ella e o passado
poremos o Oceano immenso e azulado.
No mar do tropico ha uma longinqua ilha,
aonde a primavera é eterna e que rebrilha
sobre as vagas azues, qual outro paraiso.
Iremos lá víver: renasça, n'um sorriso,
o passado feliz. Viveremos ignorados,
entregues á lavoura, alegres, sem cuidados...
um ninho e um só amor...: e tu verás, querida,
creanças animando essa estancia florida...
e o nosso amor será profundo e sem limites
como o mar...

Arrasta-a para o fundo.

THEREZA, *desvairada*

Inda não!... Espera . Não me incites
á desgraça.... Oh, tem dó de mim, que soffro tanto!...

JOÃO MARIA

Não ha tempo a perder... O dia foge e, emtanto,
pode bem succeder Joël ahi chegar...

THEREZA, *detendo-se*

Joël!... Ah, tu bem vês, que é meu dever ficar!...
Repelle-o e refugia-se á bocca da scena.
Vai, vai... Eu não posso .. nem quero acompanhar-te!
Dá alguns passos para elle
Elle é velho e cançado e deverás lembrar-te,
que eu sou o seu arrimo e unico fanal:
que deixou só por mim o seu torrão natal:
que nos matou a fome — a mim e á minha mãe —:
que foi o nosso amparo...— Lembra-te tambem
que jurei ser a honesta e fiel companheira
de toda a sua vida, emquanto Deus o queira —
Suppõe agora tu, que encontra a casa nua ..
e, a enchel-a, a minha infamia e a deshonra sua!...
Morreria de certo! E eu, atormentada,
veria, sem cessar, essa alma atribulada
passar entre nós dois!

JOÃO MARIA, *com amargor*

Dizias tu amar!

THEREZA

O meu amor por ti nada o poude esmagar,
nem mesmo o crer-te morto! Emtanto a minha dor,

ao fugir d'esta casa, a vergonha, o horror
do remorso, a ensombrar-me o espirito inquieto,
viriam a matar-me e a matar este affecto.
Sentindo o meu despreso e, vendo-me humilhada,
havia de inculpar-te o achar me deshonrada...
Talvez te odiasse então! Ó bem, que eu sempre adoro!
Vae! deixa-me ficar!..

Ajoelha

De joelhos te imploro!
No fundo da minha alma, em cofre bem seguro,
deixa-me conservar o meu amor tão puro,
como quando, no campo, outr'ora — ai, que saudades!
rezavamos os dois, ao toque das Trindades!
Vai, vai!... Não era a nós que estava destinado
seguir a mesma estrada, a par, de braço dado...
Mas ver-nos-hemos inda... Oh, vae!... que eu, livremente,
possa depois, aqui, amar-te eternamente...

JOÃO MARIA, *erguendo-a*

Adeus, então, adeus!

THEREZA

Quizera inda pedir-te
um sacrificio mais. Não viste alguem seguir-te?
O teu regresso é, pois, de todos ignorado?

JOÃO MARIA

É.

THEREZA

E esse navio hollandez é obrigado
a sahir ámanhã?

Signal affirmativo de João Maria

Vai então embarcar
esta noite... Vai, sim: deixa ainda julgar
que és morto, pois que o és, de facto, para mim.

JOÃO MARIA

Á noite, partirei.

THEREZA

Deus te proteja! e ao fim
chegues da viagem sem risco e sem perigo!
Por esse vasto mar minha alma irá comtigo...

Apoia-se contra a mesa—silencio

JOÃO MARIA, *já perto da porta*

Thereza!

Movimento de Thereza

Vou partir: mas, antes, eu desejo
depôr na tua bocca o derradeiro beijo...
O caminho do exilio é doloroso e rude;
que esta doce lembrança a suavisal-o ajude.

THEREZA, *primeiro com voz fraca e depois mais firme*

Não... Não!

JOÃO MARIA

Adeus, então, e para sempre, adeus!

Afasta-se lentamente pelo fundo, depois desapparece—Thereza fica immovel, apoiada á mesa

---

THEREZA, depois JOËL

Ao fim de alguns instantes, Joël entra pela esquerda e faz um gesto de surpreza

JOËL

Só?...

THEREZA, *estremecendo*

Sim.

JOEL

Julguei ouvir falar.

THEREZA

Eram os meus
conselhos a um infeliz maritimo, perdido
no caminho a seguir... Vinha exhausto, abatido...
Fôra a viagem má...

JOËL

Mandaste-o assentar?

THEREZA

Mandei

JOËL

O que narrou devia interessar...
Conversavam tão alto!...

THEREZA, *depois d'um momento de silencio*

Elle ia de passagem
no *Rei Milhão* e viu-o sumir se na voragem...
Quiz informar-me bem d'essas scenas fataes...
de João Maria...

JOËL, *aproximando-se*

E então?...

THEREZA

Esse... não volta mais!

Torna a sentar-se — Joël toma-lhe as mãos. — Cae o panno

A BANHOS

ALVES CRESPO

A BANHOS

MONOLOGO EM VERSO

(Chronica da vida nas praias)

LISBOA — 1895

A

Alfredo Luiz Lopes

A BANHOS

MONOLOGO EM VERSO

Ha um prazer infinito
— um prazer indescriptivel —
como não existe egual,
em ter um *chalet* bonito,
durante a quadra estival,
n'alguma praia afamada.
Não ha nada
mais agradavel de certo!
Fugir a um sol, ardente
como a sêde no deserto,
ao calor atroz, mordente,
que nos *fornece* Lisboa,
ou a Africa,
é sentir-se uma pessoa
distante, bem longe, em summa,
da peste, da fome, ou d'uma
guerra cáfrica.

Ter n'uma praia um *chalet*,
em sitio bem ensombrado,
n'um logar d'onde se vê
céu e mar, d'um azul assetinado,
um *chalet* pendurado — como um ninho —
d'uma riba alterosa, olhando o mar,
que sôlta a espumea trança, em desalinho,
pelo dorso da vaga a saltitar,
ou ergue, em furiosas convulsões,
— d'um epileptico a gigantea imagem —
á crista d'um rochedo os vagalhões,
com medonhos rugidos de selvagem:
ter um *chalet* assim,
catitinho e barato,
é melhor, quanto a mim,
que o melhor syndicato!
E depois... que prazeres
variados, estranhos,
se gosam, cada dia,
n'uma praia de banhos!
Põe-se de parte deveres,
o negocio, a lida immensa
do amanho
da terra e só se pensa...
no banho!
No banho e... nas banhistas:
pois é, precisamente, á beira-mar,
que se fazem as maís serias conquistas,
as que levam caminho do altar—

Dê-me *Vossencia* o seu braço
e venha d'ahi, commigo,
descançar um bom pedaço
na praia —
Eis um abrigo
a pedir que nos sentemos.
Está-se aqui bem e é do tom.
Ponha *Vossencia* o *lorgnon*
para vêr bem.
Observemos —
Chega n'este momento a D. Eugenia
com a extensa familia, que desfila —
São oito, nove, dez, em longa fila,...
—«*Aquillo não é gente: é uma tenia*» — [1]
Vem na frente o marido — o Benevides —
—«*O da cara rapada, o magrizela?*»
Esse mesmo.
«*Jesus! que cara aquella!...*»
E' que vae deitar inda mais pevides —
Querem casar as filhas, e, por isso,
dão em casa, por vezes, *salsifrés*,
onde cada conviva é... um derriço...
que não torna lá mais a pôr os pés.
Vão ás praias, cada anno, na intensão
— aliás a mais séria e a mais louvavel —
d'encontrarem alguem, que deite a mão
a um élo da cadeia interminavel.
Repare: a mais magrita — a Beatriz —
namora aquelle rapaz — um pobre louco! —

---

[1] Outra voz nos italicos.

Não vê um palmo adiante do nariz...
— «*Pois se alcança o nariz, já não vê pouco...*»
A outra, a menos alta, é um catavento:
quando fala a alguem toda ella córa...
Pois tem dado attenção a um regimento,
que tem quartel na rua onde ella móra —
A mais nova — a de traz — *bate* piano:
toma banho com um dos namorados.
—«*Ahi está um heroico lusitano,*
honra e lustre dos seus antepassados»—
E' feia, na verdade, mas tem graça,
e na musica então é um portento:
como artista da mais distincta raça,
toca o fado com muito sentimento.
Dos manos contam cousas engraçadas.
Um é *reporter* e ganha tres tostões.
Faz de moço de curro nas touradas,
e de moço tambem... nas redacções.
Um outro é da botica praticante:
as asneiras que diz contam-se aos centos,
e as que faz dão um rol mais abundante
do que a lista total dos unguentos.
O terceiro chegou a bacharel
e seguiu o melhor itinerario —
Faz hoje um brilhantissimo papel
a cantar á guitarra... o fado Hilario.
Os paes dão um casal elegantissimo,
quando sáem os dois a passear:
ella, baixa e nutrida e elle, altissimo,
magro como um safio:—um lindo par!

Dão entrada no banho: que elegancia!
com que infinita graça elles mergulham!
—«*As filhas vão nadando — e com que ancia!*—
«*para os «pombos» que perto ali arrulham*» . .
—A' direita—não vê? do Benevides,
toma banho uma dama loura e bella —
o marido só fala em *mildio* e vides...
— *E' talvez o que está ao lado d'ella?*
Isso sim! Esse sujeito
é o amigo . . do marido.
E' bacharel em direito,
não me lembra o appellido.
Acompanha a a toda a parte,
ensina-lhe equitação,
e, n'estes *assumptos d'arte*,
não consta que vá ao chão.
—«*E o marido?*»
Ah! o marido . .
Tinha-me já esquecido —
Cuida das vinhas e agárra
os cachos sempre com luva...
Combate o *mildio* na parra...
mas deixa o levar lhe a uva...
—«*Entendo, entendo: um theorico!*»—
Alem — distingue? — isolado,
lava-se um padre, tratado
a douches d'acido borico,
com que inundou o costado.
Ia-o levando o demonio
na famosa procissão
das festas de Santo Antonio.

Vem retemp'rar-se do susto
e d'uma grande enterite,
de que inda restam vestigios.
Em terra firmou-se a custo,
mas na agua — vê? — faz prodigios!
—«*E alem? Que esplendido busto!*
«*E' uma mulher d'appetite!*
Vive no *high-life*, na elite.
— «*Tem modos muito cortezes*
«*para os que a vão conversando.*»
—Sim. Ficou-lhe isso de quando
vendeu manteiga, roubando
no peso sempre os freguezes —
—«*E aquelle grupo, aos saltinhos,*
«*como doentes nevroticas,*
«*de côr mais alva que os linhos?*»
—São as meninas chloroticas,
de magras, esguias ancas,
que mal arqueiam as saias.
Da flora vasta das praias
são ellas as flôres brancas.
Entram no mar aos pulinhos,
como um bando d'estorninhos...
—«*São os nervos que se exaltam*
«*e, com o choque, se excitam,*
«*e os corações que palpitam.*
— E os espartilhos que faltam —
Lá mais ao longe mergulha
com gravidade um sujeito,
mais magro do que uma agulha.
— «*Parece soffrer do peito?*»

Soffre.

— «*E ao banho não faz guerra?*»
«*E se a doença augmentar*
«*e que o pulmão se lhe inflamme?*
—E' o medico da terra,
que os proprios int'resses zéla,
fazendo o melhor *réclame*
aos banhos, para chamar
a fugida clientela —
Deixemos agora a praia,
que o sol já vae aquecendo
e temos d'ir almoçar.
Vamos... Cuidado!... Não caia
Sempre esse trilho escolhendo,
até a estrada encontrar.
Chegámos.
«*A casa em frente,*
«*aonde ruge uma féra,*
—«*canto ao piano, ou panthera*
«*ferida — não sabe a gente...*
«*é jaula?*»...
O club.
— *Ah! o club...*
«*Ainda ha bem pouco pude*
«*saber d'esse luxo ingente*
«*para recreio dos povos.*
«*Temos então de chegar*
«*aqui, á noite, a mostrar*
«*que temos fatinhos novos*»...
—Não deixaremos, por certo,
d'entrar n'este ceu aberto.

A sala de bilhar.
— «*Está deserta!*
«*Foram, talvez, dançar?*»
Não: foram vêr.
Quando o piano dá signal d'alerta,
tudo para aqui deita a correr,
e só volta ao salão... p'ra ver dançar.
Só se jogam aqui d'estas *partidas:*
e eis aqui como um jogo de bilhar
se transforma n'um jogo... *d'escondidas.*
Esta agora é a sala d'outros jogos:
de vasa só, é claro, que, afinal,
faz-se cumprir a lei, nem valem rógos
n'este paiz tão serio e tão moral...
A estas mesas sentam-se os parceiros,
que vêm a distrahir-se.
— «*Isso suppõe-se.*»
Mas se todos não ganham bons dinheiros...
«*Divertem-se inda assim?*»...
Não: descompõem-se.
Entremos no salão.
«*Ah! que belleza!*
«*Isto é bom de se vêr, isto é catita!*
«*A fina sociedade com certeza,*
«*a mais nobre, de certo, e a mais bonita!*
«*Lá distingo as meninas Benevides*
«*e a dama loura com a enorme luva,*
«*e a fidalga da tenda e o tal das vides,*
«*que salva a parra e .. deixa ir a uva*»...

Silencio! Vão tocar. Veja que effeito
tira da musica um bom pulso, audaz!...
«*Seguem as mãos o biblico preceito:*
«*a esquerda ignora o que a direita faz*».
Canta agora uma dama —
«*Não se engane!*
«*Está deveras cantando? E quer que a louve?*
E' discipula illustre do Vellani...
—«*Illustre e a mais discreta — Não se ouve*».
Segue se a dança. Veja: «*o passo a quatro:*»
em francez, *pas de quatre*. E' *chic*.
«*Pois,*
«*na verdade, é distincto e... de theatro,*
«*mas não é pas de quatre: é o passo a dois*».
—Valsam.
«*Que perfeição!... Isto, de feito,*
«*sobre ser elegante e agradavel,*
é, em pose, o que ha de mais perfeito,
e, em hygiene, o que ha de mais saudavel.
«*O espartilho comprime o peito, e a dança*
«*fazendo o respirar curto, offegante,*
«*dá côr e força á pállida creança,*
«*e a mais fragil transforma-se em gigante.*
«*Veja as bellas, viçosas primaveras,*
«*que ahi se ostentam — como o quadro é bello!*
«*Lembram as fortes raças d'outras eras...*
—«*e a todos metteriam n'um chinello...*—
«*Tomam de Scott o genial invento,*
«*ferro e banho do mar pela manhã,*
«*e, á noite, p'ra completo tratamento,*
«*dançam o pas-de quatre e a valsa allemã.*

«*Quem é aquelle sujeito*
«*que vejo, além, conversando,*
«*com grande bouquet ao peito*
«*e uns ademanes de lord?...*
É o conselheiro Armando,
que em tudo e em todos morde...
E' um homem notavel e notado
em politica e em varios syndicatos.
E' — ou foi — um *distincto* deputado...
pela fórma *distincta* dos sapatos.
E' casado, mas segue na conquista
das damas e é este o seu ideal.
Em casa dizem ser... *opportunista*,
mas cá fóra é — ou diz-se — *radical*.
«*E o que foi que a tão altas culminancias*
«*guindou esse cretino? O que se diz?...*
Um concurso feliz... de circumstancias...
«*Unico em que podia ser feliz*»...
«*Áquelle canto discutem,*
«*um tanto animadamente,*
«*ao que parece*» —
Percutem
ali, dura e rijamente,
a pederneira da critica.
—«*Politica?*»..
— Qual politica!
Apreciam-se os costumes...
da Grecia e da Roma antiga.
—«*Historia, então?*»
— Ou intriga,
conforme o uso... dos *numes*.

Estão ali - não os *vencidos*,
mas a classe dos *addidos*,
e os *reformados da vida*.
São os pobres recolhidos
da velhice... desvalida.
Não jogam, cantam, ou dançam,
e, comquanto pouco vejam,
já que melhor não alcançam,
fazem critica e... bocejam.
São uns cadaveres... vivos,
em que a morte não repára,
que *Buffon* classificára
na classe dos. . *negativos*.
E eis aqui o salão : uma belleza !
Vive-se aqui feliz horas inteiras !
Tudo a gosar accorre com presteza,
— « que as horas do prazer vôam ligeiras».
E se d'esse gosar, d'essa folia,
ficou alguma nodoa... pequenina,
o mar, o grande oceano, ao outro dia,
serve, alem de banheira — de *benzina*.

Por isso ter um *chalet*
em sitio bem ensombrado,
n'um logar d'onde se vê
ceu e mar, d'um azul assetinado :
um *chalet* pendurado, como um ninho,
d'uma riba alterosa, olhando o mar,
que solta a espumea trança, com doidice,
assim como eu, ha pouco ainda, disse...

Ter um *chalet* assim,
catitinho e barato,
é melhor, quanto a mim,
que o melhor syndicato,
que a melhor concessão
na Africa, na China ou no Japão.
Ter um *chalet* assim é ser um rato
n'um celleiro de trigo, bom, sem joio...
— e sem gato rateiro —
É melhor .. que ser *arroio!*
É melhor que ser regato!
É melhor que ser *ribeiro!*
(Pausa)
Digo até
que é melhor... que ser Burnay!

Setembro, 1 de 1895.

FIM

DO MESMO AUCTOR

Manuel Bento de Sousa — Elogio historico recitado em sessão solemne commemorativa, celebrada pela Associação dos medicos portuguezes na Sociedade de Geographia.

EM PREPARAÇÃO:

Escalas (versos) — 1 volume.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQD
0010579

01809101

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 12 08 06 013 1